

A DIPLOMACIA DE PAPA FRANCISCO: UM OLHAR PARA AS MINORIAS

João Víctor Martins Saraiva

Resumo: No dia 13 de março de 2013, o até então cardeal Jorge Mario Bergoglio foi eleito o 266º Papa da Igreja Católica, substituindo o Papa Emérito Bento XVI, ocupando, assim, a maior posição da hierarquia eclesiástica e tornando-se primeiro Papa nascido em continente americano e também o primeiro Papa da ordem dos jesuítas. A escolha do seu Nome Papal – Papa Francisco -refletiu seu pontificado até então: o Pontífice apresentou ao mundo ser um religioso fortemente sensibilizado pela passividade do mundo frente às dificuldades alheias, como os altos níveis pobreza, grandes desigualdades, opressão de minorias políticas, dentre outros pontos. Esse posicionamento de Papa Francisco é evidenciado pelas visitas papais e a repercussão delas nas localidades visitadas e no mundo inteiro, apresentando uma diplomacia eclesiástica norteadas para grandes preocupações sociais e alimentando possibilidades para a nova política externa do Vaticano.

Nos primeiros meses de seu Pontificado, Papa Francisco fez-se presente na 38ª Conferência das Organizações das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), na qual condenou enfaticamente o desperdício alimentar, expôs a produção suficiente de alimentos coincidente com a miséria e a desnutrição latentes em todo o mundo e reiterou a necessidade de se pensar no próximo. O Pontífice ainda parabenizou a FAO pela grande iniciativa em corrigir esses problemas em escala internacional, mas pediu que se olhasse para que os membros voltassem um olhar mais sensibilizado para a situação como um todo, não só como mais um tópico da agenda estatal. Fora de Roma, a primeira visita do Papa foi na Jornada Mundial da Juventude sediada em julho de 2013 no Brasil, no qual ele causou grande entusiasmo por uma humildade ímpar e uma proximidade com os fiéis que motivou diversas associações do Pontificado de Francisco com o Pontificado do Papa João Paulo II, que marcou a história da Igreja Católica no século XX.

Depois da visita ao Brasil, que era um compromisso marcado desde antes do início do seu mandato, Papa Francisco visitou Israel, Jordânia, Palestina, Coreia do Sul e Albânia. Em cada uma dessas localidades, ele apresentou discursos que reiteraram a preocupação da Igreja com os conflitos nas respectivas regiões, com a situação das minorias políticas que ali residem e reforçou a necessidade de que tanto os políticos como todo o mundo se atente às condições críticas que muitos grupos como esses estão condicionados. Em relação ao conflito Israel-Palestina, o Pontífice afirmou que a solução da “criação dos dois Estados deveria se tornar uma realidade” e que o conflito era inaceitável, pois desencadeia ondas em massa de violência

física, psicológica e moral, impossibilitando a concretização de condições mínimas de dignidade humana. É válido ressaltar que na ocasião também foi evidenciado um caráter ecumênico do Pontificado de Francisco, buscando um diálogo com outros líderes religiosos.

Posta essa conjuntura, esse artigo dedicar-se-á estabelecer uma análise das visitas externas de Papa Francisco nos anos de 2013 e 2014, com base em um exame crítico de seus discursos em seus encontros com líderes representativos de diversos grupos com os quais o Pontífice se relacionou. A partir dessa retomada, será possível identificar as principais perspectivas e possibilidades da “diplomacia eclesial” exercida por Papa Francisco, no que concerne às preocupações sociais e políticas, e a influência dela no Sistema Internacional.

Papa Francisco: um papa do “fim do mundo”

Como dito por ele próprio, o Vaticano escolheu um Papa vindo do “fim do mundo” para sucessão de Bento XVI como líder da Igreja Católica Apostólica Romana¹. Jorge Bergoglio, argentino e jesuíta, o Papa Francisco, assumiu uma Igreja Católica instável. As polêmicas envolvendo a instituição vieram à tona, com o *Vatileaks*² que constituiu-se de um vazamento de informações que expôs uma realidade escondida da Igreja Católica, denunciando questões como: corrupção, associações com diversos políticos europeus, dentre outros acontecimentos negativos que envolveram o – historicamente polêmico – Banco do Vaticano. (HUMANITAS, 2013; NCR TODAY, 2013; SENHORAS, 2014)

A ciência de tanta infidelidade na condução econômica e política dentro da instituição acabou por, segundo analistas, ser forte motivador para a renúncia do Papa Bento XVI, Joseph Ratzinger, e expôs a fragilidade da maior instituição religiosa do mundo. Isso já levantou – ou reanimou- debates sobre a crise da Igreja Católica, que já é caracterizada pela redução no número de fiéis em diversas partes do mundo e de uma chamada *falta de contemporaneidade* e diálogo com um mundo em constante transformações. Mais do que um sucessor, o próximo Papa deveria estabelecer respostas firmes a tantas situações e, de fato, deveria tomar a frente dessa situação complexa que a Igreja apresentou para o mundo. E Papa Francisco o foi – e tem sido. (HUMANITAS, 2013; NCR TODAY, 2013; SENHORAS, 2014)

Apresentando uma abordagem muito próxima do povo, Papa Francisco tem exposto a simplicidade e humildade do arcebispo de Buenos Aires Jorge Bergoglio, que já havia sido referência na Argentina, com grandes projetos de assistência social. Hoje, enquanto Papa, tem se estabelecido e sido caracterizado como um “Papa renovador”, “revolucionário”,

“reformador”; exatamente o tipo de motivação necessária para a Igreja Católica se reafirmar e, de fato, se recuperar. (HUMANITAS, 2013; NCR TODAY, 2013; SENHORAS, 2014;)

Dentre as grandes características do pontífice estão a quebra de protocolos – se aproximando do povo de maneira discursiva e física; a forte opção pela austeridade; e a apresentação de um discurso aberto exprimindo grande preocupação pelos pobres, com uma forte abordagem de problemas sociais e políticos, de caráter realista, mas esperançoso. Como chamado por alguns analistas como “um Papa que desnorteia e reorienta”, Papa Francisco apresenta ao mundo uma Igreja Católica preocupada com as minorias, com diversas formas pelas quais as injustiças sociais se expressam e com um posicionamento firme em relação a determinadas diretrizes políticas e econômicas, alterando, assim, as impressões da mídia e da opinião pública sobre a instituição. (NCR TODAY, 2013; SBARDELOTTO, 2015; SENHORAS, 2014)

O Vaticano no Sistema Internacional

A Santa Sé destaca-se nas Relações Internacionais como uma “instituição humano-divina” (SOUZA, 2013, p.1). A organização política e econômica da Cidade-Estado do Vaticano é de sua responsabilidade, desde a assinatura do Tratado de Latrão em 1929. O Estado do Vaticano é uma monarquia absoluta na qual quem tem os plenos poderes sobre o Executivo, Legislativo e Judiciário é o Papa, que assume a função dupla de líder religioso da Igreja Católica e líder político da Cidade do Vaticano, auxiliado por um Cardeal Secretário de Estado (carmelengo), cuja função é hoje ocupada pelo cardeal Pietro Parolin que substituiu em outubro de 2014 o hoje cardeal emérito Tarcísio Bertone. (MACHADO, 2013; SOUZA, 2013; VATICANO, 2015)

A Santa Sé compreende também a Secretaria de Finanças da Cúria Romana, o Banco do Vaticano e a Secretaria de Estado, que se divide em um setor para assuntos mais gerais e outro para as relações internacionais do Vaticano, logo, a diplomacia da Santa Sé. Este último setor coordena os arcebispos diplomatas, que levam o nome de “Núncios Apostólicos” que representam o Estado do Vaticano em embaixadas em diversos países, bem como em organizações internacionais, sendo que a Santa Sé assume um papel de membro observador permanente em diversos comitês como “a Organização das Nações Unidas, a FAO e UNESCO” (MACHADO, 2013, p.25). É este o setor também que organiza as viagens do Papa, desde as necessidades até as perspectivas quanto a segurança. (SOUZA, 2013; VATICANO, 2015)

A diplomacia do Vaticano é de grande representatividade para a história mundial e para o decurso político e social do século XX, principalmente no grande esforço pela democratização nos anos da Guerra Fria e com um posicionamento esclarecido sobre as preferências políticas da instituição no período. Destaca-se também a mediação diplomática já desempenhada pela Santa Sé, como na questão do “Canal de Beagle”ⁱⁱⁱ e, recentemente, no reatamento de relações diplomáticas entre Estados Unidos da América e Cuba. (HAYNES 2001; MACHADO, 2013; SOUZA, 2013)

Papa Francisco: uma diplomacia sociopolítica

Assumindo a existência de uma conjuntura de múltiplas identidades, múltiplas preferências e, igualmente, múltiplas formas de conflito, Papa Francisco, em seus pronunciamentos, busca abordar a efervescência dessa ordem mundial apontando os grandes problemas e contradições de maneira a identificar as mazelas e buscar por mudanças concretas. Ele afirma corriqueiramente o grande esquecimento da dignidade humana, mesmo que as sociedades atuais tenham historicamente lutado e conquistado tantos direitos civis. (SBARDELOTTO, 2015; SENHORAS, 2014)

É fundamental se constatar: Papa Francisco não possuía qualquer experiência com a diplomacia. Seus discursos não são redigidos por ele, mas sim por uma comissão diplomática que, se reúne com ele para discutir os assuntos a serem abordados, e, principalmente, a maneira como os assuntos serão abordados. Dessa maneira, há todo um aparato por trás do Papa que torna possível um bom exercício da diplomacia, evitando impasses diplomáticos e orientando os discursos àquele contexto social. (SBARDELOTTO, 2015; SENHORAS, 2014)

Em suas visitas apostólicas fora da Itália –que são analisadas uma a uma nesse trabalho –, ele aponta determinados caminhos que os governos e os políticos devem seguir para a construção de uma sociedade justa. Em outros momentos, ele admite que determinados princípios devem ser seguidos na condução de algum problema, mas reconhece as grandes dificuldades na resolução. Esses e outros posicionamentos^{iv} serão agora apresentados, em cada viagem do pontífice, direcionando a discussão da diplomacia de Francisco e as reverberações políticas de seus pronunciamentos. (SBARDELOTTO, 2015; SENHORAS, 2014)

Primeira Viagem Apostólica: Brasil – 22 a 29 de junho de 2013

O primeiro destino do Papa Francisco fora do território italiano foi o seu próprio subcontinente: a América do Sul. Por mais que tenha parecido uma alternativa fortuita da Igreja para apresentar ao mundo o novo Papa a partir das proximidades do seu território, isso não o foi, de fato. A viagem do Papa ao Brasil se deu por ocasião de um compromisso

firmado há cerca de três anos pelo então Papa Bento XVI, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), evento que busca reunir jovens católicos com o intuito de fortalecer e divulgar a fé católica entre pessoas de, principalmente, 18 a 30 anos. (VATICANO, 2013)

O que já parecia ser um momento importante pra Igreja como um todo, se concretizou com um êxito maior que o esperado: com a reunião de quase 5 milhões de pessoas, a Igreja quebrou o recorde de maior quantidade de participantes em uma missa. Toda essa presença marcante reiterou um fato já conhecido: o intenso vigor da Igreja Católica na América Latina, mesmo com a redução do número de fiéis. Esse acontecimento causou um efeito muito positivo à Igreja Católica: a juventude, a qual ela clamava renovação e mudança, retribuiu-lhe com a expectativa dessa mesma renovação e mudança perante o mundo. Após a JMJ, a crise interna e externa pelas quais a Igreja passava puderam ser tratadas com maior calma, pois o direcionamento da imprensa ao Vaticano mudou sua perspectiva; o que reduziu a pressão pelas atitudes da Igreja. (VATICANO 2013)

No Brasil a pobreza e a marginalidade foi colocada por Papa Francisco primeiramente, no seu discurso na comunidade de Manguinhos^v - onde passou a operar uma UPP que foi instalada naquele aglomerado no início daquele ano de 2013 (VATICANO, 2013). Ele reconhece a perspectiva política brasileira de combate à miséria e à pobreza e de inclusão das grandes massas historicamente excluídas à sociedade civil, e, em uma referência às Unidades de Política Pacificadora (UPP'S), o pontífice expõe que concretamente pouco mudará caso não haja uma mudança de mentalidade da sociedade sobre a problemática do pobre e do excluído. (VATICANO, 2013). Francisco criticou o individualismo que a sobrepôs tornou-se o basilar das relações humanas. De forma enfática, Francisco clama para que as “autoridades públicas e todas as pessoas de boa vontade com a justiça social”^{vi} se direcionassem a esse esforço (VATICANO, 2013).

Em ocasião do Encontro com a “Classe Dirigente do País”, o Santo Padre evocou a necessidade de que as lideranças governamentais e de diversos grupos da sociedade de que assumam de forma corajosa sua “responsabilidade social” em um compromisso de se “reabilitar a política”. Nessa linha de argumentos o pontífice estabelece as diretrizes que a Igreja “aconselha” os governantes e pensa que um Estado deve ser pautado, mas, que ao mesmo tempo, mostra valorizar a importância de se adotar o Estado laico, na medida em que, dessa forma, se valoriza a diversidade dentro de seu espaço e prioriza a aceitação do outro. (VATICANO 2013).

Nessas e em outras manifestações públicas na visita ao Brasil, Papa Francisco expõe grande preocupação com a justiça social. Sendo uma personalidade influente para a sociedade

brasileira, o pontífice expõe o que é o clamor de grande parte da população que sofre com a marginalidade, a miséria e a falta de oportunidade. Mais do que a luta pela igualdade, o que Francisco aponta é a necessidade de que seja alcançada uma dignidade social à qual todos os indivíduos têm direito de usufruir, nas palavras dele, “que ninguém fique privada do necessário”, e que “ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que têm no mundo”. (VATICANO, 2013)

Participação Internacional e diplomacia no ano de 2013

A única visita externa feita pelo Papa Francisco no ano de 2013 foi a Jornada Mundial da Juventude, mas ele se inseriu em outros contextos também. No mês de junho, o pontífice participou da 38ª Conferência da FAO, na qual se posicionou criticamente sobre a contradição entre a produção alimentar, que é suficiente, com a grande fome e miséria que ainda existem no mundo, Ele questiona essa crise de valores e afirma a necessidade de se trabalhar buscando a justiça e equidade. (VATICANO, 2013)

A primeira impressão sobre o Papa foi melhor do que o esperado e, ao fim do ano, ele o pontífice foi eleito “a personalidade do ano”, fato muito importante, posto a conjuntura complexa na qual ele se inseriu. A revista ressaltou a grande instigação do imaginário popular que se surgiu desde o início que Papa Francisco assumiu como chefe da Igreja Católica, destacou a colocação firme frente a questões que inquietam a sociedade como o aborto, a posição das mulheres na Igreja, bem como questões econômicas e políticas. Foi ainda colocado que “Francisco fez dos mais vulneráveis na sociedade – os doentes, os idosos, imigrantes e crianças – o foco do seu Ministério”. (SENHORAS, 2014; TIME, 2013; VATICANO, 2013)

Peregrinação à Terra Santa – 24-26 de Maio de 2014

A segunda Viagem Apostólica do Papa Francisco direcionou-se à Terra Santa. O intuito da viagem foi a comemoração dos 50 anos do encontro do Papa Paulo VI com o Patriarca Atenágoras, com o qual findou-se o “Grande Cisma”^{vii} entre a Igreja Católica e a Igreja Católica Ortodoxa no ano de 1054. (VATICANO, 2014. Por ser um ambiente que é berço de três das maiores religiões do mundo, inclusive a religião católica, a valorização histórica do local é de grande importância, porém, o local, como se sabe, acabou por congrega também grandes conflitos políticos- identitários, que acaba por envolver o Estado de Israel, de representação judia e o território que corresponde ao pretendido da Autoridade Nacional Palestina, de representação muçulmana. Nesse ambiente de impasses, a Igreja

Católica, como grande bandeira do Cristianismo, acaba por, esporadicamente, buscar ser mediadora da relação entre as duas partes beligerantes. (VATICANO, 2014)

Papa Francisco, em encontro com autoridades palestinas em território palestino, afirmou a necessidade de se buscar soluções concretas para a paz, com uma motivação forte, afirmando que já é “hora de pôr fim a esta situação, que se torna a cada vez mais inaceitável, isto para o bem de todos.” Ele coloca os interesses políticos em segundo lugar e afirmar uma paz que é vinda do que as duas partes afirmam prezar: a religião. (VATICANO, 2014)

Com esse mesmo apelo o Papa foi visitar o Estado de Israel. Logo na cerimônia de boas-vindas: o pontífice colocou-se vigorosamente em direção à busca pela paz. Em seu discurso, ele começa por apontar o grande avanço das relações diplomáticas da Santa Sé e do país, frisou a importância dos territórios santos, lamentando pelos conflitos que correm no local e afirmou explicitamente o seu posicionamento sobre o litígio^{viii}:

“Seja universalmente reconhecido que o Estado de Israel tem o direito de existir e gozar de paz e segurança dentro de fronteiras internacionalmente reconhecidas. Seja igualmente reconhecido que o Povo Palestino tem o direito a uma pátria soberana, a viver com dignidade e a viajar livremente. Que a «solução de dois Estados» se torne realidade e não permaneça um sonho!” (VATICANO, 2014)

A chamada “solução dos dois Estados” foi a alternativa escolhida pelo Vaticano para a resolução do conflito entre as duas partes. Por fim, nesse mesmo discurso, o Papa ofereceu o Vaticano para ser sede de uma reunião do presidente de Israel junto do presidente da ANP para que orem juntos, pela paz; oportunidade que aconteceu no dia 8 do mês seguinte. (VATICANO, 2014) (ALL AFRICA, 2015)

Em entrevista coletiva no voo de regresso ao Vaticano, o Papa respondeu a uma pergunta sobre seu posicionamento em relação à emergência e consolidação de partidos populistas na Europa devido à crise. Quanto a isso, Francisco afirmou um argumento que já se faz presente em seus discursos e homílias – até mesmo uma Exortação Apostólica -: a perversidade dos objetivos econômicos. O Papa destacou que o que se encontra no centro do sistema econômico mundial é o dinheiro, e não a própria pessoa humana, de maneira que haja uma “cultura do descarte” que atinge principalmente crianças, jovens e idosos acabe por se sobressair, resultando em situações como: elevada diminuição das taxas de natalidade, desemprego crônico e a falta de investimentos no setor previdenciário. (VATICANO, 2014)

Foi exposto nesse tópico, portanto, o grande posicionamento crítico do Papa em questões de relevância internacional. Já em relação à temática trabalhada aqui, a vista do Papa pode-se resumir em um forte clamor feito por ele na cerimônia de boas-vindas à Jerusalém, que se

refere a um fator causador de grandes crises humanitárias atuais, que foi: “ninguém instrumentalize, para a violência, o nome de Deus!” (VATICANO, 2014)

Visita à República da Coreia por ocasião da VI Jornada da Juventude Asiática – 13 a 18 de agosto de 2014

Em agosto de 2014, Papa Francisco visitou a Coreia do Sul fazendo-se presente na Jornada da Juventude Asiática, reforçando o papel da Igreja na região e o papel do jovem na perpetuação dos valores e da prática da fé católica. O desafio de ser católico no continente foi valorizado com a beatificação dos mártires coreanos Paul Yun Ji-chung e os seus 123 companheiros, que foram beatificados durante a visita. (VATICANO, 2014) Francisco coloca que o compromisso do católico está em superar “as barreiras, recompondo as divisões, rejeitando a violência e os preconceitos”, pois dessa forma estabeleceria essa paz na Península Coreana visando um grande objetivo: reconciliação, de modo a se alcançar uma “paz duradoura”. (VATICANO, 2014)

Em uma das celebrações, o Papa reafirma sua preocupação com as minorias, e o compromisso de se fazer uma “Igreja pobre para os pobres. O discurso propulsor à luta pela dignidade humana está também nas palavras do pontífice na celebração “gastai estes anos na edificação duma Igreja mais santa, mais missionária e humilde – uma Igreja mais santa, mais missionária e humilde –, uma Igreja que ama e adora a Deus, procurando servir os pobres, os abandonados, os doentes e os marginalizados”. Na celebração final, intitulada de Missa pela Paz e Reconciliação, o Santo Padre reforçou a ideia do perdão e do respeito mútuo para se buscar a reconciliação da “família coreana”, de modo que as diferenças desses mais de “60 anos de separação” sejam sobrepostas pela busca pela unidade desses povos. (VATICANO, 2014)

Na entrevista durante o voo de regresso ao Vaticano, o Papa respondeu às tradicionais perguntas que buscam abordar muito seu ponto de vista político, dentre elas, algumas merecem destaque. Uma das primeiras perguntas foi qual o posicionamento dele sobre os ataques aéreos estadunidenses no Iraque para conter os avanços do grupo ISIS, quanto a isso, o Papa admitiu a necessidade de se “fazer parar” o “agressor injusto”, mas aponta que é na Organização das Nações Unidas que se deve discutir e deliberar se aquele se trata ou não de um agressor injusto. (VATICANO, 2014)

Mais adiante à comitiva, o pontífice posicionou-se sobre ter entrado em contato com as chamadas “mulheres de conforto” – mulheres coreanas feitas como escravas sexuais pelo exército japonês – e sobre o posicionamento hostil de Pyongyang, capital da Coreia do Norte,

ao cristianismo e seus princípios. Quanto ao primeiro aspecto, Francisco repudiou toda a crueldade que elas sofreram, e ressaltou que nelas há uma dignidade que deve ser reconhecida e valorizada. No que se refere à Coreia do Norte, o Papa mais uma vez afirmou a necessidade da reconciliação e da unidade, citou a luta de tantos cristãos que são e já foram reprimidos no país devido a sua fé e que o caminho para que se encerre essa injustiça é a crença de que todos ali são uma só família que compartilha da mesma língua e de um território que era comum. (VATICANO, 2014)

Em uma pergunta de cunho, por assim dizer, provocativo, um jornalista inquiriu o Papa se a proposta de um encontro de “Invocação da Paz” que foi realizado no Vaticano entre os presidentes da ANP, de Israel e o Pontífice tornou-se um “fracasso” vide o acirramento dos conflitos em Gaza. O Papa afirmou que, para ele, o encontro foi muito válido, pois “abriu uma porta” que talvez estivesse fechada. Francisco ainda colocou que “há que dizer à humanidade que, juntamente com o caminho da negociação – que é importante –, do diálogo – que é importante –, há também o da oração”, que seriam as ferramentas para se tocar o coração desses governantes. O infeliz acirramento das disputas na região seria uma “questão conjuntural”, mas uma questão conjuntural que não fecha a porta de negociação que foi aberta, segundo ele, “agora, a fumaça das bombas, das guerras, não deixa ver a porta, mas a porta ficou aberta desde então”. (VATICANO, 2014)

Seguindo o caminho da busca de uma coerência e da unidade, fechou-se a visita do Papa Francisco à República da Coreia, de modo a trazer uma elucidação maior da missão da Igreja Católica na região igualmente como o caminho que devem ser seguidos pelos fiéis. A reconciliação e a paz seriam dois elementos caracterizadores dessa visita que marcou a história da Igreja na região. (VATICANO, 2014)

Viagem Apostólica do Papa à Tirana (Albânia) – 21 de setembro de 2014

No dia 21 de setembro de 2014, Papa Francisco fez uma visita à cidade de Tirana na Albânia. Os motivos da ida ao local ele já havia dito no voo de regresso da Coreia do Sul – excerto não relatado aqui. Segundo ele a Albânia foi escolhida por duas principais razões: 1) terem constituído um governo em um ambiente de grande pluralidade religiosa, em que um “conselho inter-religioso” tem auxiliado na mediação das relações e 2) a Albânia foi um dos únicos países em que o “ateísmo prático” foi aplicado, onde cerca de 1820 igrejas foram destruídas. Quanto a isso, logo no discurso inicial, proferido às autoridades albanesas, ele já anunciou como “uma característica feliz da Albânia” “a convivência pacífica e a colaboração

entre seguidores de diferentes religiões”, que se tornam um “belo sinal” para todo o mundo de “o diálogo, a paz, este equilíbrio que favorece a governação”. (VATICANO, 2014)

Ponto marcante foi o quanto o pontífice exaltou a luta do povo albanês que se sacrificou pela construção de um país mais justo que até que despertasse a “primavera da liberdade”. Ele define a Albânia como uma “terra de heróis, que sacrificaram a vida pela independência do país, e terra de mártires, que testemunharam a sua fé nos tempos difíceis de perseguição” e descreve diversos aspectos que puderam ser desencadeados e incorporados à realidade, ressaltando as conquistas como o “respeito dos direitos humanos” – no qual ressaltam-se a “liberdade religiosa e a liberdade de expressão dos pensamentos”; o “pluralismo democrático” – que permitiu a adoção de eleições livres-; e a retomada de um desenvolvimento econômico; colocação que expõe a grande bandeira política da democracia defendida pela Igreja Católica (VATICANO, 2014)

Abordando a religião, Francisco é enfático ao dizer que “ninguém tome a religião como pretexto para as suas ações contrárias a dignidade do homem a seus direitos humanos fundamentais, principalmente o direito de todos à vida e a liberdade religiosa”, em uma colocação muito próxima ao que ele já havia dito em situações anteriores. É importante notar que é um discurso muito semelhante ao que ele considera o cenário “ideal” para a questão de Jerusalém, quanto a relação entre cristãos, judeus e muçulmanos (VATICANO, 2014)

Esse caminho seguido pela Albânia a partir do início da década de 90, como bem aponta Papa Francisco, é colocado por ele como uma “reconstrução moral, mais do que econômica, do país”, que havia sido cegado por uma ideologia que exclui Deus da sociedade e a encaminha a uma condição de desrespeito aos direitos humanos e à própria dignidade humana – como dito, a Igreja Católica foi central para o dismantelamento do socialismo durante a Guerra Fria (MACHADO, 2013). Consciente de que o caminho de prosperidade e crescimento ainda não está completo, Francisco afirma a necessidade de uma “globalização da solidariedade” que acompanhe a “globalização econômica e cultural” de forma que qualquer “progresso [econômico da Albânia] só será autêntico se for também sustentável e equitativo, isto é, se tiver bem presente os direitos dos pobres e respeitar o meio ambiente”. (VATICANO, 2014)

Na viagem de regresso à Roma, Papa Francisco colocou que sua mensagem de visita compreende a Albânia, mas “vai mais além. (...) Vai para outros países que têm igualmente diversas raízes étnicas.” Dessa forma é seja possível se fazer associações a outras questões apresentadas nesse artigo, como o próprio Brasil e Oriente Médio, na qual diferenças coexistem de maneira, por vezes conflitivas, no segundo mais que no primeiro. (VATICANO, 2014)

Visita do Papa Francisco ao Conselho Europeu e ao Parlamento da Europa – 25 de novembro de 2014

No dia 25 de Novembro de 2014, o Papa Francisco fez uma visita ao Conselho Europeu e ao Parlamento da Europa. No voo de regresso da Terra Santa, o pontífice já havia comunicado sobre a sua preocupação com a Europa, principalmente devido à crise econômica de 2008^{ix} e à ascensão de movimentações políticas preconceituosas (VATICANO, 2014)

Em sua fala ao Parlamento Europeu, Francisco também buscou trabalhar questões que afligem a Europa. Ele admite que com um processo “deseurocentrização”, a Europa acaba sendo enxergada como um continente, apesar de desenvolvido, muito ultrapassado, como uma terra já “sem fertilidade”. Ele aponta que, apesar disso, deve-se manter conscientes da duramente construída e conquistada “percepção da importância dos direitos humanos” e de uma “consciência da preciosidade, unicidade e irrepetibilidade de cada pessoa humana”, que, segundo ele, são pensamentos basilares da União Europeia, bem como do Conselho Europeu. (VATICANO, 2014)

Ele ainda aponta três aspectos-chave para o desenvolvimento do continente: 1) necessidade de instituições como as escolas e as universidades de desenvolver as potencialidades dos jovens e crianças e “favorecer o processo mais complexo do crescimento da pessoa humana na sua totalidade”, de modo a desencadear processos positivos no continente. 2) o desenvolvimento de políticas de emprego que valorizem a dignidade do trabalhador de modo “que não vise explorar as pessoas, mas garantir, através do trabalho, a possibilidade de construir uma família e educar os filhos.” 3) é necessário que se trabalhe urgentemente e firmemente a questão da imigração. Para ele, será possível controlar e se estabilizar frente a esse fenômeno demográfico ao se respeitar as diversidades culturais, proteger os cidadãos europeus, mas, ao mesmo tempo, “garantir o acolhimento do imigrante”, atuando também na raiz do problema, ou seja, auxiliando o desenvolvimento sociopolítico e nos conflitos dos países de origem deles. “É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos”. (VATICANO, 2014)

No voo de regresso de Estrasburgo, o Papa inicialmente foi inquirido se ele se considerava um papa “social-democrático”, devido às palavras que proferiu no Parlamento. Em resposta, ele disse que pensar isso é um raciocínio muito reducionista: “ousou dizer que isto vem do Evangelho. É a mensagem do Evangelho, assumida pela Doutrina social da Igreja”, dessa forma, ele reafirma que seu comportamento é a tradução do que é a Igreja Católica, dos princípios dessa instituição e, assim, da maneira pela qual a instituição responde às movimentações sociopolíticas da sociedade. (VATICANO, 2014)

Quanto às possibilidades de diálogo com o Estado Islâmico e outros grupos extremistas. Com um posicionamento esperançoso, mas realista, ele coloca que apesar de ele não considera nada como impossível. O pontífice reconhece que há uma grande improbabilidade de se estabelecer o diálogo, mas coloca, entretanto, que é necessário se alertar também a outras “ameaças” às quais nos tornamos passivos como o tráfico de pessoas, a escravidão, o comércio de crianças. Ele retoma os terroristas e afirma que deve combatê-los, mas com o já referido “consenso internacional”. (VATICANO, 2014)

Dessa maneira, Papa Francisco fecha sua viagem à Europa expondo seu ponto de vista sobre as questões que envolvem o continente e como a Igreja pode ajudar oferecendo um suporte moral e social. Grande destaque dessa viagem foi dada às consequências da crise, a uma reconstrução da Europa e da necessidade de se manter atentos aos objetivos primários da União Europeia que em muito comungam com os princípios cristãos.

Visita Apostólica do Papa Francisco à Turquia -28 a 30 de novembro de 2014

Do dia 28 a 30 de novembro, Papa Francisco visitou a Turquia, oportunidade na qual ele pode se reencontrar com o Patriarca Bartolomeu que, no início desse ano ele já havia encontrado em duas oportunidades – Terra Santa e Oração pela Paz sediado no Vaticano. (VATICANO, 2014)

Nos dois discursos iniciais, direcionados às autoridades turcas e ao Diyanet – Presidência de Assuntos Religiosos da Turquia – o principal assunto abordado foi a situação no Oriente Médio. O Papa reiterou o que ele já tanto disse de se buscar a “paz duradoura” para as três religiões – Católica, Judaica e Muçulmana- naquela região, e que não se pode desaminar, Ele admite que a situação humanitária é “angustiante” e que os conflitos na região, principalmente na Síria e Iraque parecem ter entrado em um ciclo interminável de “guerras fratricidas” Ele afirma que, muito mais do que cristãos e yazidis, muitas pessoas tiveram que abandonar toda sua vida e história e que ele pensa “em tantas crianças, nos sofrimentos de tantas mães, nos idosos, nos deslocados e refugiados nas violências de todo o gênero”. O pontífice reiterou a necessidade de se buscar “inverter a tendência e levar por durante um processo de pacificação bem-sucedido, mediante a rejeição da guerra e da violência”, pelo qual o Diyanet^s pode se tornar um grande aliado ajudando a estabelecer um grande “diálogo inter-religioso e intercultural”. (VATICANO, 2014)

O Papa ainda destacou o papel da Turquia como uma nação acolhedora de imigrantes, e apontou que esse é um compromisso do mundo inteiro com todas as pessoas. Ao fim desse episódio, o Papa e o Patriarca fizeram menção aos “povos que sofrem por causa da guerra” e

destacou que rezam juntos pela paz na Ucrânia, fazendo um apelo às “partes envolvidas no conflito para que procurem o caminho do diálogo e do respeito pelo direito internacional para pôr fim ao conflito e permitir que todos os ucranianos vivam em harmonia”. (VATICANO, 2014)

Participação Internacional e diplomacia no ano de 2014

Além das visitas relatadas acima, o ano de 2014 o Vaticano recebeu diversas conferências de organizações internacionais, assim como havia recebido a reunião da FAO no ano de 2013. Dentre esses se destacam: International Drug Enforcement Conference; Encontro sobre o Tráfico de Pessoas; Congresso Internacional- Liberdade Religiosa segundo o Direito Internacional e o conflito global dos valores. Além disso, houve o “Encontro de Invocação da Paz” entre o Papa Francisco e os presidentes de Israel e da Autoridade Nacional Palestina, no qual os três se posicionaram a favor do diálogo e pela busca pela paz na região do Oriente Médio. Como o conflito acirrou em Gaza poucas semanas após esse encontro, analistas começaram a levantar um debate sobre a diplomacia do pontífice, afirmando que a opção pelo diálogo se mostrou falha e que isso tornou-se ainda mais latente quando ele justificou a necessidade de “se fazer parar o agressor injusto” –Estado Islâmico, assim que for atingido um consenso internacional na ONU. (HUMANITAS 2014; NCRONLINE, 2014; VATICANO, 2014)

A grande marca de 2014, entretanto, foi a mediação de Papa Francisco para a retomada das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, que mantinha-se ininterrupta desde o embargo no ano de 1961 pelo congresso estadunidense. Segundo as partes mais envolvidas diretamente – Barack Obama, Papa Francisco e Raúl Castro-, o pontífice enviou cartas para os dois governantes pedindo que se encerrassem essa relação de inimizade em nome do bem-estar dos cidadãos das duas nações. Essa grande conquista diplomática reforçou o grande papel que Francisco tem desempenhado e levantou perspectivas sobre os próximos objetivos que podem ser conquistados a partir de então. (TIME, 2014; VATICANO, 2014)

Viagem Apostólica do Papa Francisco ao Sri Lanka e às Filipinas – 12 a 19 de janeiro de 2015

Por ocasião da canonização do beato José Vaz, juntamente com o objetivo de se tornar uma igreja presente na região, o Papa Francisco fez uma visita ao Sri Lanka e às Filipinas no período de 12 à 19 de janeiro de 2015 –foi, inclusive, a última visita papal até o fim da produção desse trabalho. Além de ter o significado especial da canonização de um beato

regional, a viagem teve como grande marco a quebra do recorde de pessoas em um evento católico, chegando a congregar cerca de 7 milhões de presentes na missa final nas Filipinas. (VATICANO, 2015)

Um dos eventos durante a visita foi a realização de um Encontro Inter-religioso e Ecumênico, que congregou membros das maiores comunidades religiosas do Sri Lanka, são elas o budismo, o hinduísmo, o islamismo e cristianismo. O Papa reforçou o compromisso da Igreja católica com o respeito e opção pelo ecumenismo que é benéfico para o país. Ele destacou a importância dos líderes dessas comunidades religiosas como forças-motrizas de estabilidade a partir da reafirmação de princípios de cooperação e tolerância. (VATICANO, 2015)

No voo para Manila (Filipinas), Papa Francisco respondeu, quando perguntado sobre a grave situação dos atentados terroristas no Sri Lanka, que o que mais lhe chama a atenção é instrumentalização das crianças para usos deturpados como a exploração militar e até mesmo a exploração sexual, situação que para ele ressalta um grande antagonismo, pois as crianças na verdade deveriam ser aquelas a quem a sociedade deve cuidado e atenção. A tão comentada “quebra de protocolo” que o Papa personaliza em diversas ocasiões fora e dentro da Itália, foi questionada, quando o pontífice foi perguntado sobre quaisquer mudanças que deveriam ser desenvolvidas devido a possibilidade de atentados terroristas contra ele. Ele respondeu afirmando que a Segurança do Vaticano dedica atenção sobre a situação e que “a maneira de responder é sempre a mansidão”, e que Deus tem sempre o protegido, e pede a tranquilidade, principalmente dos fiéis. (VATICANO, 2015)

O Papa se posicionou também sobre um dos temas mais discutidos no ano de 2015: a liberdade de expressão. Ele afirma que todos “temos a obrigação de dizer abertamente; temos esta liberdade, mas sem ofender”. Ele reconhece que a reação violenta a uma posição não é certa, mas que acaba por acontecer. Ele abrange e afirma que uma prática constante, furto de uma “mentalidade pós-positivista”, faz com que as pessoas zombem de práticas e expressões religiosas, e pontua: “não se pode insultar a fé dos outros, não se pode zombar da fé”. Há, portanto, um limite da liberdade de expressão que deve ser respeitado, como ele ainda iria dizer na viagem de retorno das Filipinas, “a liberdade deve ser acompanhada da prudência”. É fundamental ponderar que essa pergunta foi feita em um contexto específico: cerca de oito dias antes dessa entrevista, quando aconteceu o atentado ao jornal francês Charlie Hebdo. (VATICANO, 2015)

No dia 16 de janeiro, já nas Filipinas, o Papa iniciou por anunciar que o intuito de sua visita “primariamente pastoral”, além de um esforço para exprimir a solidariedade da Igreja para com “nosso irmãos e irmãs que sofreram a tribulação, as perdas e a devastação causadas pelo

tufão Yolanda”. Ele adiciona que foi necessário uma grande cooperação e unidade para se reconstruir o país após esse acontecimento, reconstrução essa que muito acontece em outros países do continente asiático. Para tanto, essa reconstrução deve se constituir de um esforço “autêntico” e alicerçado em “bases sólidas” para se encarar “novos e complexos problemas éticos e políticos”. Posteriormente ele relacionou essa reconstrução com a força e unidade das famílias, que devem se permanecer firmes mesmo em situação tão adversa. (VATICANO, 2015)

. Nos encontros posteriores o pontífice lembrou dessa causa, inclusive na Santa Missa de encerramento, que se caracterizou pela singularidade de se quebrar o recorde no número de fiéis; a missa reuniu cerca de 7 milhões de presentes, como já citado. Já no voo de volta, o Papa respondeu sobre questões diversas como o terrorismo, ecologia e sobre algumas questões da viagem. Ao ser perguntado sobre a questão da relação da elevada taxa de natalidade com a pobreza nas Filipinas, ela afirma que é necessário que se desenvolva uma “paternidade responsável”, porque muito se engana que os católicos “devem ser como coelhos”, e que é necessária a ajuda de setores da Igreja, principalmente os matrimoniais, para que essa condição possa ser alcançada. É importante lembrar que a Igreja Católica é contra o uso de métodos contraceptivos que não a abstinência e o chamado método da tabelinha. (VATICANO, 2015)

Na celebração da Divina Liturgia, o Papa reforçou o a declaração firmada com Bartolomeu e pontou que agora os católicos e os ortodoxos irão juntas buscar firmar a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, uma “Igreja que preside na caridade”, em busca de um “ecumenismo espiritual” que não se pode esperar. Ele aponta que diferentes vozes no mundo clamam por um apelo pelo qual a Igreja tem o compromisso de atender. A primeira voz seria a dos pobres, e Francisco coloca as inúmeras pessoas que “sofrem por desnutrição grave, pelo desemprego crescente, pela alta percentagem de jovens sem trabalho e pelo aumento da exclusão sócia, que pode induzir a atividade criminosas e até mesmo ao recrutamento de terroristas”. A segunda voz é a voz que clama “das vítimas dos conflitos em muitas partes do mundo”. No andamento desse trabalho é transparente a grande preocupação da Igreja com essas vítimas, preocupação expressa tanto em palavras, como também por ações concretas como instituições de caridade, de refugiados, dentre outras. (VATICANO, 2015)

Nesse aspecto, destaca-se também um discurso feito pelo Papa durante a viagem para um grupo de refugiados, no qual ele evocou a necessidade de uma “maior convergência internacional” que vise resolver esses conflitos e que os líderes políticos de diversos países assumam de forma mais forte a responsabilidade por essas populações que “aspiram pela

paz”, e para que as nações-destino desses imigrantes tornem-se nações verdadeiramente acolhedoras para esses grupos de situação tão delicada. A terceira voz é a voz dos jovens, jovens esses que por motivos diversos, sejam eles econômicos ou sociais, acabam por ficar sem perspectiva, sem uma esperança que os motive a buscar um futuro melhor ou que se inclinem à busca de uma realidade mais permeada de amor e justiça, assim como a Igreja pretende que a seja. (VATICANO, 2015)

Como dito pelo pontífice em oportunidade anterior, essa viagem para as Filipinas intencionava principalmente levar uma mensagem aos pobres. Em um país tão marcado pela pobreza, principalmente após os desastres naturais, a mensagem de unidade e o pedido de conscientização aos políticos de se tratar a questão com maior cuidado tornam-se oportunidades favoráveis para aquela conjuntura. (VATICANO, 2015)

Participação Internacional e diplomacia no ano de 2015

A viagem do Santo Padre ao Sri Lanka e às Filipinas foi a última a ser trabalhada aqui. Até o mês de abril ainda não houve nenhuma participação do pontífice em organismos internacionais, mas há grandes expectativas para esse ano. (VATICANO, 2015)

Em relação as viagens, o Papa fará uma grande peregrinação pela América do Sul, e disse que está previsto para que ele visite o Equador, Bolívia e Paraguai. Ele ainda colocou que há um planejamento de visita à África, na República Centro-africana e em Uganda. Há ainda um estudo para que ele possa visitar o México e os Estados Unidos, sendo que neste último a motivação foi um convite de Barack Obama e também pela intenção do próprio Papa de conhecer a sede da Organização das Nações Unidas. (VATICANO, 2015)

1477

Considerações Finais

Jorge Bergoglio tornou-se papa em um dos períodos de maior crise na Igreja Católica. O fenômeno da “secularização do mundo” aliado à grande incoerência em relação aos princípios da instituição e os acontecimentos internos à administração acabaram por colocar a Igreja em uma situação complexa, que, mais do que criar um problema, desafiou a instituição a dar uma resposta que endireitasse os rumos que ela passou a levar. Ao assumir, Jorge Bergoglio, agora Francisco, fez-se a solução.

Dos problemas que atribularam a instituição e negativaram a imagem dela perante o mundo, ele os utilizou para mostrar que a sociedade acaba por sustentar comportamentos desviantes devido a busca incessante pelo dinheiro, pelo individualismo, no qual a acumulação de bens acaba por cegar os homens, assim como teria acontecido no Vaticano. Para expor a

necessidade uma mudança no Vaticano, ele mostra que é necessário que se mude também o mundo, em uma mudança que envolva as pessoas e a própria estrutura política, econômica e social.

Como visto, Francisco faz seus discursos de maneira a evidenciar a grande contradição entre o real e o ideal; em uma oposição do que é certo e errado, do que é justo e do que é injusto. Ao opor essas duas realidades, Papa Francisco faz um exercício já trabalhado pela literatura construtivista das Relações Internacionais que afirma que a identidade só se forma com a oposição, de maneira que um ator qualquer só se tem consciência e só se afirma como alguma coisa, quando ele nega ser alguma outra coisa. (BOZDAGLIOGLU, 2007). Ao criticar o mundo caracterizado pelo fundamentalismo e extremismo religioso, o pontífice clama pela tolerância e ecumenismo; em uma realidade de crise econômica, ele reafirma a busca a promoção de oportunidades igualitárias; em contexto de rejeição à imigrantes de países pobres, ele afirma a necessidade da acolhida e da solidariedade.

O que se pode esperar de Papa Francisco de aqui em diante é uma continuidade da busca pelo diálogo, da denúncia dos erros na sociedade e, principalmente, da opção pelas minorias. Até mesmo preferência pelo diálogo que foi questionada devido ao “insucesso” da “Invocação da Paz”, tornou-se positiva devido ao protagonismo do Papa para a retomada de relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba, mostrando que a negociação e tolerância podem ser caminhos favoráveis para a resolução de controvérsias, mesmo que históricas.

Referências Bibliográficas

ALL AFRICA. Africa: Pope Francis' Soft Power Amidst the Crisis of the International Order. Disponível em <http://allafrica.com/stories/201501301297.html>

SOUZA, Paulo Bosco. A Santa Sé, sujeito de Direito Internacional. Direito em ação, Brasília. 2013.

BOZDAGLIOGLU, Yucel. Constructivism and Identity Formation: an Interactive Approach. 2007

EUROFOUND. The social impact of the crisis. Disponível em: http://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_files/pubdocs/2011/68/en/1/EF1168EN.pdf. Acesso em 2015

FOLHA DE SÃO PAULO. Papa Francisco intermediou aproximação entre EUA e Cuba. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/12/1563703-papa-francisco-intermediou-aproximacao-entre-eua-e-cuba.shtml>. 2013.

HAYNES, Jeff. Transnational religious actors and international politics. Third World Quarterly. 2001

HUMANITAS. Papa Francisco tenta reatar diplomacia do Vaticano, Disponível em <
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530509-papa-francisco-tenta-resgatar-diplomacia-do-vaticano>>. Acesso em 2015

HUMANITAS. Papa Francisco busca sua linha diplomática. Disponível em <
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/534457-papa-francisco-busca-a-sua-linha-diplomatica>>. Acesso em 2014

KAMRAVA, Mehran. *The Modern Middle East: A Political History Since the First World War*. University of Carolina Press, 2005.

MACHADO, Ana Cláudia Portilho - *A Legitimidade da Santa Sé nas Relações Internacionais*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais da PUC-MG. 2013.

NCR TODAY. *The Mind of Francis: International Diplomacy*. Disponível em:
<http://ncronline.org/blogs/ncr-today/mind-francis-international-diplomacy>. 2013. Acesso em 2015

ECCLESIA. *O Grande Cisma*. Disponível em:
http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_historia7.html. Acesso em 2015

SBARDELOTTO, Moisés. *Francisco, um papa popular que desnorteia e reorienta*. Disponível em:
https://www.academia.edu/10303571/Francisco_um_papa_popular_que_desnorteia_e_reorienta. 2015. Acesso em 2015

SENHORAS, Elói Martins. *A personalidade do ano e as mudanças na Igreja Católica*. Mundorama. 2013. Acesso em 2015

TARLTON, Jesse Paul Petrush. *The Catholic Church as a Proeminent Transnational Actor in the International Political System*. Submitted to Central European University in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Arts. Hungria. 2012. Acesso em 2015

TIME. *Person of the year: Pope Francis*. Disponível em
<<http://poy.time.com/2013/12/11/person-of-the-year-pope-francis-the-peoples-pope/>>. 2013. Acesso em 2015

TIME. *Pope Francis helped broker Cuba deal*. Disponível em
<http://time.com/3637901/pope-francis-cuba-obama/>. 2013. Acesso em 2015

UPPRJ. UPP Manguinhos. Disponível em:

<http://www.upprj.com/index.php/informacao/informacao-selecionado/upp-manguinhos/Manguinhos>. Acesso em 2015.

USA TODAY. How Pope Francis's diplomacy may change everything. Disponível em

<<http://www.usatoday.com/story/news/world/2014/12/18/pope-francis-diplomacy/20587427/>>. 2014. Acesso em 2015

VATICANO, Discursos de Papa Francisco em 2013. Disponível em

<<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013.html#speeches>>. 2013. Acesso em 2015

VATICANO. Discursos de Papa Francisco em 2014. Disponível em

<<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014.html#speeches>>. 2014. Acesso em 2015

VATICANO. Discursos de Papa Francisco em 2015. Disponível em

<http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015.html#speeches>. 2015. Acesso em 2015

VATILEAKS. VATILEAKS. Disponível em: <http://www.vatileaks.com/>. Acesso em 2015

1480

i Para melhor uso do espaço, será referida somente pelo termo Igreja, ou Igreja Católica, durante o texto.

ii Ver mais: <http://www.vatileaks.com/>

iii Ver mais em: A Legitimidade da Santa Sé nas Relações Internacionais. Ana Cláudia Portilho Machado

iv Todos os discursos e pronunciamentos de Papa Francisco foram obtidos no site oficial do Vaticano em língua portuguesa, que contém o acervo completo dos discursos de Francisco e dos papas anteriores em diversos idiomas.

v

vi As citações diretas não serão acompanhadas da referência de paginação, pois, como o acesso aos discursos se dá diretamente na página do Vaticano, não há configuração padrão da paginação.

vii O Grande Cisma. Ver mais: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_historia7.html

viii Sobre o conflito, ver mais: The Modern Middle East: A Political History Since the First World War

ix Ver mais: http://www.eurofound.europa.eu/sites/default/files/ef_files/pubdocs/2011/68/en/1/EF1168EN.pdf

x Ver mais: <http://www.diyonet.gov.tr/en/home>